

"Meu maior desafio é ter que parar de fazer as coisas de que gosto. Do lado pessoal, prender uma motociclista dentro de casa, longe dos amigos e das estradas, é como cortar as asas de um pássaro. Profissionalmente, não poder sentir todos os dias aquele cheiro tão característico dos acervos me deixa tão *down*... Mas isso tudo vai passar, estamos no caminho!"



A necessidade de quarentena geral da forma como aconteceu, me chocou muito. Algumas vezes eu imaginei até que poderíamos enfrentar uma terceira guerra mundial e sofrer todas as suas consequências. Entretanto, nunca havia parado pra refletir como seria vivenciar um isolamento social devido a uma pandemia. De repente, a vida estava estagnada e a incerteza pairava sobre todos. Em junho, tive todos os sintomas de Covid-19 e como moro sozinha com meu cão Sorte, enfrentei uma barra, pois não cozinho nem água (pilotar pela Route 66 foi mais fácil do que fazer sopa) e tinha medo até de pedir Ifood e contaminar o entregador, mas fiz os testes na Fiocruz e por

incrível que pareça todos foram negativos, não deu pra entender.

Contudo, por mais assustador que tenha sido e ainda esteja sendo esse momento, me mantenho calma. E olha que prender uma motociclista dentro de casa, longe dos amigos e das estradas, é como cortar as asas de um pássaro. Penso que esse está sendo o meu maior desafio: ter que parar de fazer as coisas que gosto, tanto pelo lado pessoal quanto pelo lado profissional, não poder sentir todos os dias aquele cheiro tão característico dos acervos me deixa tão *down*... (rssss). Mas isso tudo vai passar, estamos no caminho!

Foto: Em casa, eu, minha moto e meu cão Sorte, adotado no prédio da Expansão no ano passado

Rose Oliveira

Departamento de Arquivo e Documentação/COC